

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

LUCAS DE OLIVEIRA DE SANTANA

MÚSICA NA LITERATURA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUA UTILIDADE EM
BIBLIOTECAS

Rio de Janeiro

2019

LUCAS DE OLIVEIRA DE SANTANA

**MÚSICA NA LITERATURA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUA UTILIDADE
EM BIBLIOTECAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador (a): Prof. Ms. Lucia Maria da Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro

2019

Ficha catalográfica

A233 Santana, Lucas de Oliveira de.
Música na literatura da Ciência da Informação e sua utilidade em bibliotecas/ Lucas de Oliveira de Santana. – Rio de Janeiro, 2019.
46 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Lucia Maria da Cruz Fidalgo

1. Conhecimento. 2. Informação. 3. Música. 4. Biblioteca.
I. Fidalgo, Lucia Maria da Cruz. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD: 020

LUCAS DE OLIVEIRA DE SANTANA

**MÚSICA NA LITERATURA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUA UTILIDADE EM
BIBLIOTECAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2019.

Prof. Ms. Lucia Maria da Cruz Fidalgo – (UFRJ)
Orientadora

Prof. Dr. Robson Santos Costa – (UFRJ)
Membro interno

AGRADECIMENTOS

A Deus, antes de tudo, pela oportunidade dada de poder terminar mais um compromisso. Depois aos meus pais, porque o esforço deles me permitiu continuar avançando nos meus estudos. Sou muito grato por isso. A realização desse trabalho se deve em grande parte a eles.

Aos meus amigos pelo suporte, pela colaboração, principalmente aos da universidade que tiveram grande influência na minha vida acadêmica. Tive a felicidade de conhecer pessoas que me ajudaram a melhorar e que provocaram em mim superação.

Aos professores do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, à minha orientadora, e à UFRJ.

Enfim, a todos que de alguma forma tornaram esse trabalho possível o meu mais sincero obrigado.

“Não digas no teu coração: ‘A minha
força e o vigor do meu braço adquiriram-
me todos esses bens.’” Deuteronômio
VIII, 17

RESUMO

O presente trabalho procura discutir a música nas bibliotecas públicas, escolares e comunitárias visando contribuir para a formação do conhecimento dos usuários. Atraindo também através de eventos culturais os que não têm costume de comparecer a este lugar. Transformando, assim, o ambiente em um local moderno, atrativo, sem perder seu objetivo original, que é o de informar. Para isso, o trabalho tratará mais especificamente de informação, música como suporte informacional e sua aplicação na biblioteca. Aborda também os efeitos que a música causa nos que são expostos a ela enfatizando o benefício que surge dessa interação. Trata-se de um estudo exploratório sob abordagens quantitativa e qualitativa. Evidencia os resultados que a música pode trazer – em sua maioria, senão todos, positivos –, no desenvolvimento do conhecimento dos usuários das bibliotecas. Nota-se que a música é uma ferramenta favorável e uma aliada dos profissionais que têm responsabilidade educacional.

Palavras-chave: Conhecimento. Informação. Música. Biblioteca.

ABSTRACT

The present work seeks to discuss music in public, school and community libraries in order to contribute to the formation of users' knowledge. Attracting also through cultural events those who have no custom of attending this place. Thus transforming the environment into a modern, attractive place without losing its original purpose, which is to inform. For this, the work will deal more specifically with information, music as informational support and its application in the library. It also addresses the effects that music has on those exposed to it by emphasizing the benefit that comes from this interaction. It is an exploratory study under quantitative and qualitative approaches. It shows the results that music can bring - mostly, if not all, positives - in the development of library users' knowledge. It is noted that music is a favorable tool and an ally of professionals who have educational responsibility.

Keywords: Knowledge. Information. Music. Library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Revistas e nível Qualis.....	29
Quadro 2 – Termos e resultados das buscas.....	32
Publicação de artigos sobre música como fonte de informação nas	
Quadro 3 – revistas de Ciência da Informação entre os anos 2000-	33
2018.....	

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	OBJETIVOS.....	13
	Objetivo	
1.1.2	Geral.....	13
	OBJETIVOS	
1.1.3	ESPECÍFICOS.....	13
1.2	JUSTIFICATIVA.....	13
2	DESENVOLVIMENTO.....	15
	O QUE É	
2.1	INFORMAÇÃO?.....	15
	MÚSICA COMO FONTE DE	
2.2	INFORMAÇÃO.....	20
	MÚSICA E SEUS BENEFÍCIOS COMO AGENTE DE	
2.3	INTERAÇÃO.....	23
3	METODOLOGIA.....	28
3.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
4	RESULTADOS.....	31
	RESULTADOS	
4.1	QUANTITATIVOS.....	31
4.2	RESULTADOS QUALITATIVOS.....	34
5	CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A música está direta ou indiretamente no cotidiano de qualquer pessoa. Ela é expressão, trabalho, diversão e uma ferramenta de grande utilidade por ser dinâmica, podendo ser utilizada por várias áreas de atuação. Os comentários que serão feitos inicialmente nesta seção têm o objetivo de mostrar que a música é versátil e, portanto, adaptável a diferentes ambientes, sendo a biblioteca um deles; e que nesses lugares (como a sala de aula, na educação; nas propagandas, na área de Marketing, Publicidade etc), onde é aplicada, obtém-se resposta positiva aos estímulos que proporciona do modo como é elaborada para atuar em determinado local. Dando ainda mais suporte à ideia de que a música também pode ser colocada na biblioteca, já que muito do que é feito dela pode ser incorporado às atividades desses espaços informacionais e culturais.

A informação é importante porque é através dela que se sabe o porquê das coisas. Ainda assim, pode ser que não se consiga atingir totalmente a compreensão de todos os assuntos devido às suas complexidades, mas a informação é o que permite que os primeiros passos sejam dados para o entendimento de algum tema. Os suportes variados que transmitem informações preservadas por longos anos são fundamentais. Mostram a história de maneira peculiar.

Há materiais que trazem discussões mais ou menos profundas sobre temas variados, contando os fenômenos com mais ou menos detalhes, dependendo de quem o analisa e de que forma acontece sua abordagem, como é o caso dos livros, que, de acordo com Silva, D. *et al* (2014, p. 2), “[...] é um suporte de conhecimento e também é uma mercadoria onde os conteúdos são compactuados por editoras e autores, que acabam resumindo conteúdos que serão expostos”, monografias, artigos, que sofrem “[...] redução de tamanho ou reorganização e reescrita de partes do texto da dissertação ou tese.” (ABREU, 1999, v. 15, p. 4). No entanto, esses materiais transitam no âmbito teórico, outros já ajudam a compreender os assuntos discutidos de maneira mais empírica, palpável; estes são a pintura, música, poesia, que carregam consigo “informações experienciais”, por serem suportes que refletem períodos históricos, identidades de um povo e suas transformações.

Ora, a música, que é o objeto deste trabalho, vem sendo parte da história e usada para contribuir com a mesma. Aqui se descreve como tem sido usada em alguns contextos e o que pode causar, demonstrando sua importância como fonte de informação e formação. Preocupa-se também com a discussão do tema na Biblioteconomia.

Nota-se que é bem mais comum encontrar no campo da educação, em sala de aula, esse tipo de abordagem de ensinar com o uso da música. Este método costumeiramente é aplicado principalmente em cursos de idiomas ou na alfabetização das crianças. Nesta perspectiva, percebe-se como a música pode ser um instrumento eficiente de ensino. Para Gobbi (2001 *apud* MURPHEY, 1990) a música pode ser útil, por exemplo, no aprendizado de línguas por pelos menos duas razões essenciais. Uma delas é que pode ser motivadora e a outra é a linguagem adotada nas canções, que muito frequentemente têm semelhança com a simplicidade do discurso do aprendiz.

Nas escolas a música já tem sido usada como apoio para decorar tabuada, fórmulas, e, além disso, pode ajudar a deixar a aula com um clima mais descontraído, favorecendo o aprendizado de matérias que às vezes são consideradas difíceis ou chatas, como a matemática e a física, por exemplo. E para afirmar isso, ainda usando o trabalho de Gobbi (2001, p. 12 *apud* GRIFEE, 1990, grifo nosso), a autora escreve que: “[...] além de criar um **ambiente acolhedor** em sala de aula, o que é muito importante para a aprendizagem de línguas, a música pode oferecer muito mais.” Nas publicações de artigos sobre música na alfabetização, como o de Londero e Noal (2011), comumente descreve-se que a música é uma dinâmica interessante e rica, podendo ser trabalhada através de atividades de canto, dança e do trabalho com as letras das canções. Isso chama a atenção das crianças para a leitura do que estão ouvindo. Então, toda essa interação desperta interesse para escrever e ler com mais espontaneidade. Aprende-se cantando, expressando-se oralmente de maneira agradável.

A importância da música é reconhecida não só por educadores, professores, mas também por profissionais de outras áreas, como os de Marketing. Nos espaços de Marketing e Publicidade a música é usada nas propagandas para projetar nas mentes das pessoas as marcas das empresas. Logo, ao ouvir a divulgação dos produtos relacionados à determinada melodia, faz-se uma associação do produto à música que se escuta e da música ao produto. Para Gusatti (2016), a influência do ambiente que quando bem ornamentado, e, junto a isso, apresentando um certo cenário musical, desperta no cliente atitudes específicas, disposição para possíveis considerações de compra.

Zanna, que recebeu o prêmio de melhor caso de Sound Branding¹ do mundo pela ABA², Audio Branding Society, em Moscou, na Rússia, com o caso do MetrôRio³, em seu

1 Técnica que é usada para fixação de marcas através das propagandas que podem ser em jingles ou em simples toques musicais.

2 Audio Branding Academy: instituição vinculada a Audio Branding Society.

3 A criação do projeto envolve tema musical, logo da marca, voz da marca, sound design e Sound Branding Book. Quanto à aplicação: mensagens nos trens e estações, máquina de venda, bilheteria, paisagem sonora

website nos fala que: “Música cria intimidade entre marcas e pessoas.” O projeto de Zanna causou reações nas pessoas que usam o metrô todos os dias:

Depois da implementação do projeto em 2011, em pesquisa conduzida pelo Grupo Troiano de branding descobrimos que a segunda mudança mais percebida pelos clientes era o som do metrô, que a voz é reconhecida por 94% das pessoas e 81% diz gostar muito da voz. O resultado é que todo carioca que anda de metrô sabe cantar o logo sonoro, a música e se identifica com a voz que fala com sotaque, é próxima e despojada. O MetrôRio hoje é um lugar mais gostoso de estar e faz as pessoas sorrirem e se divertirem nos seus espaços. (BLOG Zanna)

Com isso, podemos dizer que através dos usos diversos da música muita coisa pode ser lecionada e internalizada, já que a música pode criar laços, estabelecer conexões nos ouvintes.

Pode-se contar histórias, fazer protestos, além de haver a possibilidade de passar adiante tradições que se perpetuam por séculos, bem como atrair pessoas para o consumo de determinados produtos criando fidelidade por meio das sensações que, com a música, que gera afetividade, provocam.

As recorrentes mudanças que a música pode causar no comportamento das pessoas, revelando até mesmo habilidades que nem pensavam ter, já foram e continuam sendo tema de filmes e documentários. “A voz do Coração”, “Tudo que aprendemos Juntos” e “Viva: A vida é uma festa” são filmes que contam a história de pessoas e famílias que tiveram suas vidas transformadas pela música. Um menino de um orfanato na França que se torna maestro sob a direção de um professor de música; um jovem envolvido com o tráfico de drogas que é descoberto como um talentosíssimo instrumentista durante as aulas comunitárias de música na favela em que mora; uma família que se une ainda mais após quebrar um ressentimento com a música.

Sendo assim, música é, de fato, fundamental na nossa sociedade pelos benefícios que pode fornecer. Freitas *et al* (2015, v. 7, p. 2) argumenta que: “A música exerce um papel fundamental na sociedade, é uma atividade social e cultural presente na espécie humana e retrata a história e costumes dos povos.”

E é pensando nisso que se propõe a seguinte questão: por que empregar a música como canal para a assimilação da informação? Sobre isso, a Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, por exemplo, tem espaço para gravar música, tocar instrumentos dando aos usuários possibilidades novas de aprendizado e de se informar. E para responder esta questão se optou por uma pesquisa bibliográfica onde publicações com temas correlatos sobre música das estações, chamada em espera, som da web, spots e ringtone.

e sua implicação no comportamento humano, seu uso na pedagogia e nas programações de eventos culturais das bibliotecas foram analisadas para mostrar a razão de se usar a música nesses espaços, contribuindo para que o tema seja mais explorado na Biblioteconomia.

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho se dividem em dois grupos: geral e específicos.

1.1.2 Objetivo geral

Discutir a utilidade da música no ambiente da biblioteca.

1.1.3 Objetivos específicos

- a) Entender o que é informação;
- b) Falar da música como suporte informacional;
- c) Verificar produção científica da Biblioteconomia que trata a música como meio informativo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Foi dito que a música tem trazido resultados positivos em diferentes ambientes. E juntando-a à biblioteca veremos que esses resultados também podem ser realidade nesse espaço. Por ser dinâmica, a música pode trazer interesse ao usuário fazendo-o mais receptivo às informações que lhe são transmitidas. Como cada usuário é diferente e se vê atraído por diferentes maneiras de se informar, daí o motivo para juntar essas duas ferramentas: música e informação.

Então, se a música pode ajudar na construção do conhecimento e o assunto ainda não é tão estudado na área de Biblioteconomia, por que não discuti-lo? Os bibliotecários poderiam usar essa ponte em favor próprio nas bibliotecas públicas, escolares e comunitárias criando oficinas nos projetos que produzirem, onde se aprende a tocar algum instrumento, por exemplo, como estratégia, para desenvolver a aprendizagem dos usuários, justamente por ser uma forma de ensino que ajuda significativamente no crescimento cognitivo. A biblioteca, especialmente a escolar, também tem função educacional e de auxiliar o usuário na sua formação e de proporcionar e promover acesso aos conteúdos, materiais que supram as necessidades de avanço e desenvolvimento crítico, como dizem Mateus e Cavalcante (2017).

Enfatiza-se que a aplicação da música dentro da biblioteca torna o momento na unidade prazeroso ao passo que se aprende por meio de outras linguagens, implicando na concepção que se faz do mundo. Quando se usa a música como ferramenta pedagógica, esta torna-se em mediação para incentivo da leitura de modo agradável. Ainda de acordo com Mateus e Cavalcante (2017), a música é de suma importância para que, por exemplo, a criança se desenvolva e acredita-se que a música deveria estar desde cedo na matriz curricular como complemento de ensino.

Por se tratar de um assunto que envolve cultura, ensino e lazer, coisas que são essenciais para qualquer pessoa, os bibliotecários têm grandes chances de obter respostas positivas aos seus trabalhos se usarem regularmente este recurso para a formação do usuário, enfatizando a responsabilidade que têm como educadores. Vargas (2012) fala que esse método de contribuição para a formação social e intelectual produz cenários favoráveis, visto que a música afeta singularmente cada ouvinte. Diz que toda pessoa tem sua própria história significativa com a música e isso as ajuda a se liberarem quando a fala e a ação lhes impõem resistências. Desse modo, a música é vista mais do que como movimento físico, é também considerada movimento de integração semelhante ao próprio funcionamento do cérebro, que é integrativo e holístico, destaca, isto é, o sistema como um todo afeta e determina o comportamento das partes, e por essas razões encontra espaço na sintonia desta relação e promove ativações e conexões que se mostram como representações de mudanças significativas de comportamento.

Envolver os usuários com ferramentas de aprendizado que proporcionam maior interatividade não, obviamente, em detrimento dos meios tradicionais, mas para a potencialização destes, é estabelecer maiores condições para desencadear uma trajetória virtuosa de estudos. O usuário precisa ser atendido em toda sua necessidade informacional; para atingir esse alvo, pode-se começar com investimento de mecanismos que, a princípio, não custam nada tão caro além da disponibilidade de quem se preste a colocá-los em prática ou a enxergá-los com a relevância que têm.

2 DESENVOLVIMENTO

Nesta seção serão discutidos os temas sobre informação, música como suporte informacional e sua utilidade pedagógica dentro das bibliotecas comunitárias, públicas e escolares.

2.1 O QUE É INFORMAÇÃO?

Não se discutirá nesta etapa o sentido semântico da palavra informação ou qual é o conceito mais adequado que deveria ser atribuído ao termo, o que se fará é um breve histórico do que se entende por informação de acordo com algumas teorias abordadas em artigos publicados na área de Ciência da Informação.

A informação vem se transformando desde muito tempo e continua. Passeando por diferentes suportes, sofrendo alterações não somente na sua representação, mas também na forma de divulgação e preservação. Antes da escrita o que se tinha para guardar informação era apenas a memória, o que possibilitava “[...] um mundo preservado pela memória guardada na oralidade”, como esclarece Souza (2016, p. 37). A oralidade era o que mantinha os costumes de um povo (acredita-se que ainda hoje também por causa dos povos que ainda não tiveram contato com o homem moderno, não sofrendo suas interferências) através da “[...] capacidade de organizar a memória na forma de relatos e mitos, ou na forma de transmissão de informações e mensagens através da comunicação, ambas garantidas pela oralidade.” (SOUZA, 2016, p. 38)

As evoluções acontecem, e descobre-se que, para externalizar o que se sabe ou apenas expressá-lo, com o intuito ou não de preservá-lo, as pinturas, desenhos poderiam ser um começo. Logo após, a escrita, evolução máxima dos símbolos, é que se torna o meio mais elucidativo de transmitir informação. Contudo, os suportes também precisam acompanhar o desenrolar de toda essa transformação. As informações precisariam, então, estar além das cavernas; os registros, mais do que escritos em pedras. Daí que os papiros foram uma ótima alternativa. Depois os pergaminhos e finalmente o papel, este perdurando até os dias atuais.

Agora a informação também pode ser colocada no ambiente virtual, na internet. E as linguagens *html*, códigos binários, que também são informações, processos de comunicação que, numa cadeia, seguindo a ordem de um sistema, são responsáveis por manter em funcionamento os aparelhos e redes usados para depositar dados fora do meio físico.

Definir informação não é uma tarefa fácil, justamente por esta razão é que as discussões sobre seu conceito continuam sendo feitas. Muito se diz sobre o que é informação

e o que tem valor informacional. No entanto, é difícil chegar à conclusões decisivas sobre este tópico porque é impossível compreender totalmente o conceito de informação, o que possibilitaria a delimitação de algo como informativo ou não.

É visível que a compreensão universal de informação resulta em infundáveis definições, as quais tornam-se algumas vezes ambíguas, como Messias (2005, p. 28) destaca quando explana “[...] a dificuldade de se desenvolver um conceito único, consensual para o termo e reforçar a idéia de que a abordagem correta é aquela que situa a informação num contexto específico.” A princípio, Messias (2005) considera que informação está no ato de dar limite ao pensamento, moldando-o e transferindo-o para um símbolo e, simultaneamente, que é o produto da ação da transmissão do conteúdo imaterial, que é o pensamento, este externalizado e materializado por códigos passíveis de interpretação.

Para que a informação ocorra é necessário que haja substância (conteúdo) e forma: a parte material, física, que é a tradução do raciocínio finalizado. Sem isso, seria impossível que houvesse uma comunicação eficaz, porque se ao símbolo ou material não for agregado significado semântico, como diz Rodrigues, B. (2011), nada poderá fornecer de informação. Uma pedra pode dar informações sobre o solo para um geólogo, mas a pedra só poderá fazê-lo se o geólogo lhe atribuir valor informacional. Reconhece-se uma mesa porque se deu à forma, ao material este significado, mas se o significado semântico deste objeto não for divulgado e ensinado, não poderá ser reconhecido como o que se quer.

A ideia de definir o que teria teor informacional se deu na década de 1945 sob a observação de Vannevar Bush, quem percebeu que era necessário estabelecer maneiras de melhorar a recuperação de informações e reduzir o tempo entre a busca e o resultado. “A partir desta necessidade, intentou-se desenvolver novas técnicas de arquivamento e recuperação da informação, bem como **a tentativa de determinar o que seria considerado como informação.**” (RODRIGUES, B., 2011, p. 50, grifo nosso)

O termo informação também pode ser traduzido como medida de organização de um assunto. Em alguns casos, por exemplo, ver-se-á que os seres humanos podem ser tratados como informação, já que os processos que ocorrem dentro do corpo são informação. O corpo é a representação das informações organizadas, as quais são os sistemas nervoso e respiratório, DNA etc; isto é, medida de organização. Os órgãos se informam continuamente e, se algo acontece a alguma parte do corpo, perde-se comunicação, perde-se informação. Deixa-se de ter:

[...] uma medida da organização de sistema: medida da organização de uma mensagem em um caso (Shannon, Weaver), de organização de um ser vivo no outro caso (Von Bertalanffy). E também a medida das moléculas em um recipiente que contém um líquido ou um gás (Boltzman). (LE COADIC, 1996, p. 4)

De acordo com Messias (2005 *apud* ZEMAN, 1970), para a Filosofia a informação vai além do significado explicitado anteriormente e é a medida de organização ao mesmo tempo que é a organização em si. Tem-se, desta maneira, as partes e o todo, não somente a medida, como o é para a Biologia e a Engenharia, que tratam a informação do ponto de vista mais quantitativo. Isso quer dizer que na área de ciências exatas, que é o caso da Engenharia, entende-se que informação é o que se tem por meio de cálculos e equações. Nestes campos, a informação assume a forma de grau, temperatura, peso, comprimento, sinais elétricos, frequência. Essas medidas de organização que compõe sistemas são o objeto informacional principal nestas áreas.

A Biologia trata a informação como dados químicos e físicos, também se aproximando mais dos dados quantitativos de acordo com Messias (2005). Percebe-se que a preocupação não é, intrinsecamente, com o que alguém quer fazer do seu corpo (o que seria uma abordagem qualitativa), mas o que este é e o que lhe acontece sob diferentes condições, procurando entendê-lo através da análise daquilo que o compõe, usando-se as moléculas, por exemplo. Pode ser que a Biologia ofereça alertas e ajude na produção de materiais para a preservação da saúde do corpo, mas seu objetivo principal é dissecar o sistema do corpo humano (e não só deste) para melhor compreender o funcionamento da vida.

Na área da Filosofia, como já dito, a informação não está somente sujeita às concepções matemáticas, porque não é apenas quantitativa, mas também é qualitativa. Daí preocupa-se não somente com a quantidade: números, equações, átomos ou células; mas também com a qualidade: se o conteúdo de uma mensagem transmitida é relevante, seu impacto informacional, motivos de seu envio ou, numa outra situação, com as emoções do ser humano, seus ideais, objetivos, aspirações, o porquê da vida. A linguagem matemática, neste caso, é substituída. Contudo, sua importância não é descartada completamente pela abordagem qualitativa, porque uma tem relação com a outra.

A Filosofia compreende, pois, que a informação não é somente os dados químico-físicos que nos formam, ou a pressão e velocidade de algo, mas também o que provocam, possibilitam pensar, querer, sentir e indagar. Encara-se informação como a ligação entre conservação, desenvolvimento e transmissão da unificação dessas coisas que nos formam, que são medidas de organização e também organização. Sendo a organização o resultado concreto

do agrupamento das medidas, tanto quantitativas quanto qualitativas. A informação é o que se é, constrói, experimenta e reproduz.

Barreto (1999) afirma que a informação sintoniza o mundo, tem participação na evolução e revolução do homem e que como elemento de organização referencia o homem ao seu destino mesmo antes de vir ao mundo. Isso acontece por meio de sua identidade genética, quando já começa a ser formado, e ao longo de sua existência por meio de sua capacidade de desenvolver a informação que consegue durante sua jornada particular no tempo e no espaço. A importância que a informação ganhou na atualidade depois do período de Industrialização traz de volta ao cenário questões sobre a sua natureza, seu conceito e as implicações benéficas que pode trazer ao indivíduo e ao seu relacionamento com o mundo onde vive, continua o autor. Também salienta que a compreensão correta da informação causa produção de conhecimento e modificação no que se absorve e armazena. Consequentemente, tem-se o desenvolvimento não apenas individual, como também o da sociedade. Portanto, como mediadora na produção de conhecimento, informação qualificar-se-á como fator importante e competente para gerar conhecimento no indivíduo e seu grupo.

A informação também está ligada a outros conceitos, não sendo possível considerá-la fora de um contexto. Aqui é possível perceber a ambiguidade da qual se falou, como afirma Cardoso (1996) ao dizer que o termo informação, o qual remonta à Antiguidade, sofreu muitas modificações em seu sentido e que, agora, hora é confundido com conhecimento (mais recentemente), hora como dado, em outras tantas vezes como comunicação. Isso facilmente se percebe quando se pergunta, por exemplo, por uma informação para chegar a certo destino ou quando se pede para ver o cardápio de algum restaurante, o preço de um produto, como se faz diariamente. É como se o termo informação tivesse o mesmo sentido em todo lugar, quando, na verdade, está carregado de significados diferentes, ou seja, ambiguidade, e que usá-lo indiscriminadamente não causaria nenhum tipo de imprecisão para a sua interpretação. Silva, J. e Gomes (2015) observam que, inicialmente, o conceito de informação não é admitido de maneira isolada e que está, sim, atrelado a outros conceitos, tendo como conformidade as percepções dos autores sobre seu significado como conhecimento, documento, comunicação, dado, mensagem, estrutura e texto.

Logo, pode-se afirmar categoricamente que o conceito de informação é relacional, isto é, a informação se consolida (SARACEVIC; WOOD, 1986) na relação terminológica com outros termos. [...] Com efeito, a informação é um misto de alteração de estruturas (WERSIG, NEVELING, 1975; BELKIN; ROBERTSON, 1976; BROOKES, 1980); processo signficante de dados (HAYES, 1986); significação, apreensão e apropriação de mensagem; procedimento dinamizador e

facilitador do processo comunicacional; estruturas simbólicas para construção do conhecimento (BARRETO, 2002); informação como ente ideal e vinculado aos signos (RENDÓN-ROJAS, 2005); processo hermenêutico e sócio-interacionista entre sujeitos (CAPURRO, 2003); procedimentos de domínios das comunidades discursivas (HJORLAND, 2002); processos de materialização documental, tecnológica e representacional. (FROHMANN, 2008). (SILVA, J.; GOMES, 2015, p. 148)

O assunto de informação é abordado também como comunicação de conhecimento e ganha significados novos na modernidade a partir do contexto virtual. Capurro e Hjørland (2007) entendem que informação não está exclusivamente relacionada à ideia secular de levar e trazer mensagens, porém que tem também uma visão moderna de conhecimento empírico, que é compartilhado por uma comunidade (científica, mais especificamente), tendo a pós-modernidade aberto este seu conceito para todos os tipos de mensagens, particularmente as que estão inseridas no ambiente digital.

Enfatiza-se que a informação depende de contexto e que precisa estar situada em algum tema para ganhar significado. As relações dos dados e a interpretação deles são o que constroem conhecimento, porque, como diz Vital (2006), informação em si mesma é a contextualização de dados que precisam estar interligados para ter significado. Quanto ao conhecimento, que não é dado, mas também não é informação, e, no entanto, tem relação com ambos, este é dependente de uma formação de experiências, valores, informações de contexto, criatividade, avaliações e não há como haver sua separação das pessoas.

Após essas definições, pode-se dizer também que informação é, em poucas palavras, o processo de comunicação, a troca de conhecimento que as pessoas fazem entre si e de como o recebem, onde se tem um produto no final (PINHEIRO, 2004 *apud* HOSHOVSKY e MASSEY, 1969). Embora haja essa discussão do que seria exatamente informação, como bem diz Pinheiro (2004), que por ser objeto de estudo da Ciência da Informação e permear os conceitos e definições da área, o fenômeno mais abrangente que esta área do conhecimento pode discutir é a produção, comunicação ou transferência e uso da informação, já que são aspectos existentes na definição de CI, e ainda que existam várias teorias, como por exemplo, a de Buckland, que categoriza a informação como processo, coisa e conhecimento, há de se considerar que, em uma explicação mais simplista, a informação é o que acontece quando determinados assuntos, ideias, desejos são externalizados por um emissor e captados por um receptor.

Discute-se também que informação é somente o que for realmente proveitoso. No entanto, o que é proveitoso (informação) depende de quem se informa. Se certa informação

será relevante ou não, é uma outra questão e não coloca em descrédito as informações que são ignoradas, o que acontece é que cada um filtra através de seus interesses aquilo que lhe for adequado. Sendo assim, uma informação se torna informação e proveitosa a partir daquilo que o indivíduo considera para si como relevante e necessário, conforme está dito a seguir:

Sobre as funções da informação, Foskett (1970) esclarece que não cabe saber se a informação é falsa ou verdadeira, e sim se é relevante ou pertinente. Na sua definição, informação "...exige processamento da mente humana antes de passar a fazer parte de um modelo ou paradigma passível de conformidade". (PINHEIRO, 2004, p. 7)

Entender a informação de forma geral é fundamental para que saibamos como e o que fazer quanto à sua aplicação, difusão e armazenamento. Silva, J. e Gomes (2015) concluem afirmando que esse "misto semântico" nem sempre apresenta convergência, mas a percepção semântica de informação não resulta impreterivelmente no desenvolvimento de compreensões convergentes ou divergentes, mas em concepções que dão liberdade ao sentido cognitivo dos sujeitos da informação e às suas realidades sociais.

2.2 MÚSICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Quando se quer saber sobre determinado assunto nem sempre as pessoas procuram sanar suas dúvidas com as mesmas fontes de informação. A busca feita por um usuário pode não ser feita da mesma maneira por outro. Diferentes fontes de informação serão utilizadas. Um primeiro pode usar imediatamente a internet; um segundo, talvez se sinta mais à vontade procurando o assunto que deseja em livros. E um terceiro pode querer algo diferente dessas duas coisas e optar por fazer suas pesquisas em outros meios que fogem aos convencionais. Esses meios não convencionais seriam fontes de informação?

Considera-se, de acordo com Silva, A. (2010 *apud* SAINERO, 1994), que fontes de informação são todos os materiais ou produtos originados ou que foram elaborados em um local, tempo pelos quais se tem acesso ao conhecimento por meio de testemunhos ou notícias, sem dar importância ao que vier a ser este conhecimento. A partir deste entendimento, tudo que fornecer uma notícia, informação ou um dado será considerado como fonte de informação. Mais adiante dir-se-á que, nesta situação, encontrar-se-ão sob esta definição todos os elementos que possibilitam transmissão de conhecimento quando postos à interpretação, alguns desses são: "[...] hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura musical, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e outros." (SILVA, A., 2010, p. 12 *apud* SAINERO, 1994). Desta maneira, praticamente qualquer objeto passa a ser considerado como fonte de informação. Para os autores, isto dependerá da necessidade de informação que

surgir, sabendo que grande parte dessas fontes podem não apresentar tanta fidedignidade, dependendo de quem a queira e da situação.

Nem toda fonte de informação é ou tem de ser necessariamente científica “[...] pois pode abranger manuscritos e publicações impressas, além de objetos, como amostras minerais, obras de arte ou peças museológicas [...]” (CUNHA, 2001, p. 8). Analisando o que foi feito a partir da música e o intuito do autor que dá às suas ideias sentido por meio dela, algumas ou várias explicações podem ser tiradas do conteúdo desse material por quem pesquisa e faz do que colheu dado para o seu trabalho. A música é uma das diversas formas de comunicação que o homem já produziu. Rodrigues, C. e Blattmann (2014) afirmam que fonte de informação é tudo que permite a geração e propagação de informação e que pode ser concebida como todo canal, ferramenta que atenda a uma carência de informação, seja de pessoas, seja de programas de computador, sites e portais.

A música como fonte de informação pode refletir episódios das épocas passadas ou atuais que são discutidos nas letras de canções, por exemplo. O que pode acontecer é um usuário querer pesquisar através daquilo que o autor compôs na letra de sua canção, usando determinados ritmos e melodias, o que havia de arte, filosofia etc em certo tempo da história. Nesse caso, a música assume a forma de documento, passa a ser vista como um testemunho que diferente dos livros, que se atém à escrita, vale-se das melodias e das composições, do canto para contar e transmitir de outra maneira os fatos; é a expressão e tradução de uma forma de pensamento, sentimentos, emoções e valores compartilhados por um grupo em uma certa época em um determinado local, como constata Silva, A. (2010).

Com essas ações perpetradas por meio da música é possível compreender o que uma canção deseja passar, mas o ponto de vista histórico e cultural é essencial para que a informação existente seja devidamente interpretada a fim de revelar a motivação da criação de certos conteúdos na música. Também pode acontecer o inverso, isto significa que o fato histórico e cultural também pode tirar benefícios da produção musical.

Interessante notar que as próprias partituras, por si só, ainda que não tragam texto, são fontes de informação ao abrigarem as notas das músicas ouvidas nos sons produzidos pelos instrumentos. Foi desenvolvida uma linguagem individual nesta área para o registro dessas melodias. Criando-se, então, símbolos para identificar cada nota de uma canção. A parte textual pode traduzir as ideias, atendo-se ao título de determinada obra ou traduzindo as notações da melodia; todavia, a escrita passa a diferir da que se usa diariamente quando o

autor escreve suas composições (tornando até mesmo o trabalho de indexação do bibliotecário difícil). Essa linguagem musical exhibe estrutura e sistematização. O resultado do que se ouve em um concerto, por exemplo, é informação organizada, análise tonal, rítmica que manifestam o pensamento do músico. Ou seja, conhecimento em linguagem musical externalizado de maneira peculiar. Então, por si só, os sons da música, a melodia, quando sistematizados, são informações. E mais ainda, se vinculados a isso, pensamentos, ideias, emoções.

A linguagem musical apresenta elementos que a organizam de maneira sistemática através do solfejo, estruturas modais e tonais, ritmo e dinâmica. De todos eles, a música retira as formas que lhes são próprias com a finalidade de dar sentido e relações entre as idéias musicais. (CAVALCANTI, 2011, p. 140)

É exatamente por isso que a música é um canal importante não apenas para músicos, mas também para todos que têm ligação com o que a música expressa. E, como essa expressão é a ideia do autor, pode-se analisar, indo mais além, o contexto que o fez produzir tal arranjo ou o porquê do blues, jazz, gospel, rock e tantos outros estilos musicais e as implicações que fizeram cada gênero musical surgir. Cavalcanti (2011 *apud* Martinez, 2003) explica que na música há abrangência de níveis de comunicação não-verbais e que simbolizar a metalinguagem musical tem como implicação a representação desta em um ícone, o que é a caracterização de sua interação com um signo (e o conjunto referencial que traz) com outros signos próprios da composição.

Destarte, a simbologia icônica é a expressão da semelhança sensorial daquilo que se representa, no caso da partitura musical, que é o ideal criativo do compositor. Este potencial de criação se dá através da construção artística, apoiando-se no trabalho racional e sobretudo na inspiração. É aí que a informação sensorial da mente do autor ganha corpo em um formato simbólico-notacional. Configurando-se, então, a obra musical, na projeção, materialização de um imaginário sonoro que é comunicado por meio da criação de símbolos, que é produto da inspiração pessoal do artista, sob influência do mundo sensorial que o rodeia, afirma Cavalcanti (2011). O "texto" musical passa por decodificação respaldada em regras convencionais da ciência musical. "Regras estas que, através dos músicos (ou "comunidade lingüística" como assim chamou McGarry) munidos de seus instrumentos, tornam-se o veículo de transmissão da mensagem musical." (CAVALCANTI, 2011, p. 134)

Dependendo de seu uso, a música pode se manifestar de várias formas na biblioteca. Uma, como já foi dito, é como fonte de informação. O usuário tem acesso às multimídias e daí escutando o material analisa o assunto contido na obra e tira os dados considerados

necessários para si. Também pode ser que a música seja encontrada como um agente facilitador para a assimilação das informações transmitidas por meio de atividades promovidas na biblioteca, como roda de contos com instrumentos, cantigas etc. Para o público jovem e adulto, a música pode aparecer não só como fonte de informação, mas também como algo recreativo. A biblioteca, como uma opção, pode oferecer música clássica tocando em baixo volume ou disponibilizar para quem quiser escutar.

É por isso que vemos algumas bibliotecas, como a Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro e a Estadual de Manguinhos com espaços preparados para a apresentação de artistas que tocam na biblioteca. Os bibliotecários responsáveis programam eventos culturais e as apresentações com música estão na lista.

O modelo “Biblioteca-Parque” tem como proposta inicial oferecer este tipo de espaço para o público, apresentando diversidade de suportes informacionais e múltiplos espaços para as atividades da biblioteca. É comum, por exemplo, encontrar cinemateca e teatros no espaço interno destas construções. (LIMA, 2014, p. 27)

Percebe-se que, desse modo, as bibliotecas podem transmitir informações não só da cultura do lugar onde estão, assim como de outras com o objetivo de dar expressão a ideia de um determinado povo, década, situação por meio da música. Logo, temos informação. De acordo com Rêgo e Aguiar (2006), música é um fenômeno universal e se fragmenta, sendo, de maneira inevitável, resultado da cultura em que está inserida. É um signo complexo de produção de informação. Sabe-se que uma canção é quase sempre a combinação de texto (letra) e música (melodia). Com isso, considera-se que é necessário o registro, armazenamento e preservação da informação trazida pelas letras criadas nos mais variados períodos da história que guardam parte da vida que a sociedade viveu e vive.

A Biblioteca adotando este método para a formação do usuário não deixa de cumprir seu papel. Pelo contrário, adapta-se e traz um método informal para comunicar o formal.

2.3 MÚSICA E SEUS BENEFÍCIOS COMO AGENTE DE INTERAÇÃO

O objetivo dos bibliotecários que trabalham com esse modelo de mediar informação usando música não é transformar a biblioteca em um parque de diversões ou em uma casa de shows; é, sim, encontrar um equilíbrio nesse mundo quase líquido que se modifica tão rapidamente. Não é preciso ficar preso aos modelos de bibliotecas das décadas passadas acreditando que estes eram os únicos exemplos fiéis de como uma instituição que se chama por biblioteca deve ser. Tanto as bibliotecas antigas quanto as modernas em suas

características são bibliotecas. Pode ser que o formato ajude, mas não é o único fator que as identifica como tal.

Porém, de fato, bibliotecas históricas são necessárias, a arquitetura, que é símbolo e marco do tempo em que foram construídas, que revela a fisionomia do rosto das épocas nas quais surgiram é um dos fatores que as tornam excepcionais. Vendo-as e consumindo o que preservaram pode-se ter acesso aos anos que não se viveram por meio de sua história, arte e tantos outros documentos. Contudo, até mesmo essas bibliotecas precisam se modernizar de alguma maneira para garantir sua historicidade.

Nesse contexto, a contribuição que o moderno pode trazer ao antigo (ou vice-versa) permite que as bibliotecas ultrapassem suas fronteiras e se adaptem tirando dessa fusão de seus tempos relações novas, oferecendo experiências que não poderiam ser dadas aos usuários se permanecessem enclausuradas em suas definições irredutíveis sobre o tema.

Com as constantes evoluções, o que caracterizará uma biblioteca? Sua materialidade ou virtualidade? Se somente sua materialidade, qual a necessidade do espaço virtual? Se somente sua virtualidade, qual a importância do seu espaço físico? Essa é uma questão que deve ser pensada tanto por bibliotecas modernas quanto antigas. Em um mundo tão tecnológico como o de agora, não se deve dispensar a utilidade das tecnologias. Os avanços na tecnologia foram de grande importância para os bibliotecários. A internet, o maior deles.

No entanto, também não se deve negligenciar a utilidade dos espaços físicos. Porque promovem maior interação, envolvem contato pleno e real com os usuários. Aproveitando, então, a vantagem desse ambiente, umas das melhores ações seria otimizá-lo. Por isso as práticas informacionais que portam dinâmica são essenciais.

Além do que se encontra nas bibliotecas virtuais, também será possível achar o mesmo ou tanto quanto fora dela. E talvez ainda melhor, por ter toque de realidade.

Para isso, deixar o ambiente físico com uma aparência interessante é fundamental. Ganha-se o usuário de todos os jeitos, por todos os meios, em todos os espaços.

Sendo assim, é interessante que se atente aos resultados que a inserção da música causa. Quando bem pensada para atuar nos espaços de teor educacional despertam-se motivações. Relatórios sobre essas implicações afirmam a produtividade da aplicação desse método, como o de Silva, P. (2012), que revela que quando bem trabalhada a música traz desenvolvimento ao raciocínio, estimulação da criatividade e outros dons e aptidões nas

crianças, devendo-se aproveitar a vasta potencialidade da música nos momentos de educação dentro e fora de sala de aula. Explica que a arte musical ao atuar no corpo de uma criança ou de um adulto desperta emoções, produz minimização do efeito da fadiga e causa elevação da autoestima do indivíduo que pode se ver triste ou desmotivado para a realização de determinadas atividades motoras.

Integrar informação à música influi expressivamente na capacidade do indivíduo de assimilar aquilo que está escutando porque: “Acionado pela música, todo o cérebro enfrenta uma grande atividade energética principalmente quando envolve uma ação frente ao estímulo sonoro.” (VARGAS, 2012, p. 954). Fazer da música meio alternativo para a formação do usuário pode implicar em um interesse maior deste pelo conhecimento. Instigá-lo a aprender através não somente dos suportes tradicionais de informação pode ser um forte atrativo.

A funcionalidade da música como veículo para a construção do conhecimento pode fazer que nossas capacidades intelectuais sejam desenvolvidas por meio do ouvir. Pederiva e Tristão (2006 *apud* STRALIOTTO, 2001) afirmam que a inteligência pode se desenvolver através da audição, uma vez que cada código sonoro seria a representação da ativação de um espaço do cérebro, tendo por finalidade reter a informação recebida. Nesse caso, os neurônios que foram ativados pelos códigos musicais ficariam abertos, receptivos para o conhecimento de outros órgãos dos sentidos.

Quanto antes se for exposto a esse recurso que pode servir de suporte para a transmissão e internalização de informação, melhor. E isso porque devido aos estudos de Billhartz e colaboradores em 2000, que procuravam estabelecer uma correlação entre o estudo da música e o desenvolvimento da cognição em crianças entre quatro e seis anos de idade, como relatam Pederiva e Tristão (2006), fez-se o apontamento de que existe uma correspondência expressiva entre instrução musical durante os primeiros anos de vida e habilidades espacial-temporais. Os autores constatarem que, assim como outras formas de inteligência, a espacial engloba a habilidade de estabelecer relações entre itens, isto é, trata-se de um processo que busca identificar as características dos itens. Esse processo mental de sequência e espacialização envolve funções cerebrais elevadas, como acontece nas resoluções de equações matemáticas avançadas, que também são usadas por músicos no desempenho de tarefas musicais.

Esses estudos realizados mostram que há indicação de uma ligação entre instrução musical nos primeiros anos de vida e o crescimento cognitivo das habilidades que não são

musicais. Para isso, fizeram-se pré e pós-testes utilizando a escala de inteligência Stanford-Binet.

A música é algo inerente ao ser humano, ela faz parte da sociedade, da vida das pessoas. Ignorá-la e não colocá-la à disposição seria deixar de ganhar potenciais usuários para interagir com a biblioteca, que ainda parece não fazer parte do lazer da maioria dos brasileiros. Enfatiza-se outra vez o resultado da utilidade da música, a qual Weigsding (2014 *apud* CARTER, 2009) descreve como um instrumento capaz de influenciar o estado emocional das pessoas, isso acontece porque produz reações fisiológicas, cujo impacto visível depende do conteúdo emocional. Sendo assim, a percepção musical que tem influência no corpo todo por meio das reações emocionais e fisiológicas acontece através de muitas variáveis, muitas áreas encefálicas.

Trabalhar as dificuldades de aprendizado dos usuários (concentração, compreensão) com um meio alternativo de informação e educação, sendo este, no caso, musical, ajuda a desenvolver as habilidades emocionais e curriculares. Weigsding (2014) ressalta que devido a música fazer parte da cultura do homem desde tempos antigos, remotos, classifica-se como um instrumento de diálogo não verbal. É inerente à humanidade e razão de desencadeamentos profundos de processos de mudanças pessoais, o que afeta não somente o indivíduo em si, mas alcança também o ambiente que o cerca em todas as formas e manifestações.

Foi dito que os resultados da música como método de ensino e socialização foram discutidos em filmes e documentários. Os filmes *A Voz do Coração* (2004), *Tudo que aprendemos Juntos* (2015) e *Viva: A vida é uma festa* (2017) mostram a história de pessoas que tiveram suas vidas positivamente afetadas pelo uso da música.

O professor de música do maestro Pierre Mohange – personagem fictício – usando a música para educar os alunos do orfanato descobre um jovem com grande potencial musical, mas que, sem motivação, comporta-se, assim como a maioria de seus amigos, de maneira indevida e negligencia os estudos. Após algumas aulas de música, nota-se não somente em Mohange, mas também nos seus colegas de orfanato, uma mudança expressiva. O coral feito pelo professor e maestro na aula de música estimulou a interação e o bom relacionamento entre os personagens da trama com implicações proveitosas nos resultados das atividades educacionais da instituição que passaram a receber bom retorno dos alunos.

Essa história fictícia também pode ser encontrada na realidade. Em *Tudo que aprendemos Juntos* isso acontece. Um músico passa a lecionar em uma de muitas favelas do

Rio de Janeiro e ajuda a reestruturar por meio da música a vida de jovens e, em especial, a de um rapaz envolvido com o tráfico de drogas.

Em *A Vida é uma Festa* a música é vista como algo fora da realidade da família do jovem Miguel por ter sido motivo de separação entre seus familiares no passado, mas a música também ajudou a construir memórias, produzindo, então, documento. E isso o jovem Miguel resgata. Ele usa as composições antigas que foram feitas falando do afeto experimentado por sua família. Então através das memórias, dos registros contidos nas músicas os problemas do passado foram resolvidos. As recordações que são codificadas, compiladas nas canções têm papel fundamental na mudança de comportamento de todos os familiares retratados no filme. Por essas questões, a música pode ser considerada fonte de informação.

Dito isso, introduzir a música na biblioteca e usá-la como recurso de educação, interação e estudo pode fazer da biblioteca um espaço atraente com serviços desse tipo sendo prestados. Ao pensar no bem-estar do usuário, em como poderia melhor atender suas necessidades, esse tipo de ação poderia ser considerada. Até mesmo como estratégia de marketing. Isso desenvolveria a visão do usuário sobre o espaço da biblioteca.

3 METODOLOGIA

A pesquisa feita neste trabalho tem objetivo exploratório pois pretende formular hipóteses para estudos posteriores e abordar de maneira geral certo assunto, como diz Gil (2008). Para o autor, o principal objetivo deste tipo de pesquisa é o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias, objetivando formular problemas mais precisos ou temas pesquisáveis para serem estudados posteriormente, seu foco está em promover visão geral, aproximação sobre determinado fato. Por hábito, a pesquisa exploratória se caracteriza por levantamento bibliográfico e documental, entrevistas (não exatamente padronizadas) e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (GIL, 2008, p. 27)

Também se caracteriza como pesquisa bibliográfica, que é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008, p. 50). Uma análise de conteúdo também foi feita para selecionar e interpretar os dados da coleta para o tema em discussão no trabalho. Esta técnica de pesquisa que visa tratar os dados, fazer inferências e interpretá-los tem por motivo “[...] tornar os dados válidos e significativos. Para tanto são utilizados procedimentos estatísticos que possibilitam estabelecer quadros, diagramas e figuras que sintetizam e põem em relevo as informações obtidas.” (GIL, 2008, p. 153)

Quanto à coleta de dados foram feitas abordagens qualitativa e quantitativa. De acordo com Triviños (1987, p. 120) “Alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma ‘expressão genérica’.” Segundo o autor, esse tipo de pesquisa compreende investigações específicas, ao mesmo tempo em que estas possuem características em comum. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32)

Já a pesquisa quantitativa “[...] que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da

experiência humana.” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 33). A pesquisa quantitativa pode refletir a população através dos resultados das amostras, já que estas geralmente têm considerável tamanho e representatividade em relação ao total da população. (FONSECA, J. 2002)

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a verificação do assunto de música e suas aplicações na biblioteca na literatura científica de Ciência da Informação foi feito o que está a seguir. A população da pesquisa foi as publicações científicas da área de Ciência da Informação entre os anos 2000 (dois mil) e 2018 (dois mil e dezoito). Para alcançar alto grau de relevância acadêmico-científica, optou-se por determinar como critério para definição da amostra a estratificação adotada pelo Portal Capes, através do sistema de classificação Qualis. Nele, os periódicos são hierarquizados em 8 níveis, sendo A1 o mais elevado e C o mais baixo. Para este trabalho, definiu-se os níveis A1, A2, B1 e B2 para a composição da amostra. Abaixo segue quadro apresentando os periódicos pesquisados conforme critérios acima descritos.

Quadro 1 - Revistas e nível qualis.

Revista	Classificação
Atoz: novas práticas em informação e conhecimento	B2
Brazilian Journal of Information Science	B1
Ciência da Informação	B1
Comunicação e Informação	B2
Em Questão	A2
Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	A2
InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação	B1
Informação e Sociedade	A1
Informação e Informação	A2
Intexto	B1

Liinc em revista	B1
Perspectivas em Ciência da Informação	A1
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	B1
Ponto de Acesso	B1
RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	B1
Revista ACB	B2
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	B1
Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	B1
Revista Ibero-americana de Ciência da Informação	B1
Transinformação	A1

Fonte: O autor

Os dados da pesquisa foram obtidos após a definição de palavras que serviram de filtro durante as buscas para atingir o objetivo estabelecido na pesquisa. Na busca utilizaram-se as palavras “informação”, “biblioteca” e “música” empregadas tanto isoladamente quanto em conjunto.

4 RESULTADOS

Esta seção está dividida em duas partes. Na primeira delas, serão apresentados os resultados quantitativos da pesquisa, indicando o número de artigos publicados na área de Biblioteconomia na Ciência da Informação que tratam sobre o uso da música na biblioteca. Na segunda, através de relatos retirados destes mesmos artigos, serão apresentadas formas e métodos de como a música é e pode ser utilizada no contexto das bibliotecas e a quantidade de artigos publicados nas revistas e nos anos definidos para a análise feita nesta pesquisa.

4.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

Percebeu-se que ao fazer a busca pelo termo “informação”, muitos assuntos relacionados à competência em informação, mediação de leitura, temas sociais e sobre o uso da tecnologia eram recuperados. Também se teve uma recuperação semelhante quando a busca foi feita pelo termo “biblioteca”. Nesse caso, porém, com certo enfoque em estudos sobre bibliotecas universitárias etc, buscadores (Google) e diversidade de temas sociais, culturais. Salvo alguma vez, foram recuperados artigos com o tema sobre música aplicada no ambiente da biblioteca.

A combinação dos termos “informação” e “biblioteca” recuperou, como esperado, temas de gestão da informação, formação do usuário, estudo de usuários e os temas parecidos com os já ditos na busca pelos termos “informação” e “biblioteca”, isoladamente. Já o termo “música”, combinado com “informação”, em algumas das revistas pesquisadas nada recuperou. Noutras, o que se recuperou foram temas sobre informação musical, projetos de indexação de partitura, e música em temas sociais.

Com “biblioteca” e “música” foi possível recuperar assuntos mais relevantes para esta pesquisa (embora em algumas revistas nada tenha sido recuperado), como música na escola, biblioteca e na formação de alunos. O termo “música”, pesquisado isoladamente nessas revistas, foi o que menos conseguiu recuperar assuntos, mas também, por ser o mais específico, recuperou, quando possível, assuntos mais específicos, que foram: uso da música na biblioteca escolar, música na biblioteca e concentração, música como fonte de informação na escola com a contribuição da biblioteca escolar, música e literatura na biblioteca.

Ressalta-se que em algumas revistas, mesmo com a baixa recuperação dos artigos sobre música pelo termo informação, ainda foi possível recuperá-los. No entanto, na maioria dos casos não se recuperou os assuntos sobre música, ainda que pesquisados pelos termos informação.

Especula-se que, por não haver tanto conteúdo sobre o tema aqui pesquisado, a ocorrência desse resultado seja esperada. Outra situação é que esses trabalhos a nem todas as revistas são submetidos. Por isso a falta do assunto em umas ou outras.

O Quadro 2 abaixo apresenta de forma resumida a relação entre os termos de busca empregados e os resultados encontrados. No resultado final das buscas, 27 (vinte e sete) artigos que tratam de música sob os temas abordados na pesquisa foram recuperados com os termos “música” ou “música + biblioteca” (havendo pouca variação de resultado) nas revistas de Ciência da Informação vistas no Quadro 1.

Quadro 2 - Termos e resultados das buscas

Termos de Busca	Resultados
“Informação”	Relacionados à competência em informação, mediação de leitura, temas sociais e tecnológicos
“Biblioteca”	Enfoque em estudos sobre bibliotecas universitárias, buscadores (Google) e diversidade de temas sociais.
“Música”	Termo de alta especificidade, foram encontrados poucos resultados.
“Informação” + “Biblioteca”	Gestão da informação, formação do usuário, estudo de usuários.
“Informação” + “Música”	Documentos sobre informação musical, projetos de indexação de partitura e música em temas sociais.
“Biblioteca” + “Música”	Assuntos de música na escola, biblioteca e na formação de alunos.

Fonte: O autor

Abaixo está o quadro com a quantidade de artigos publicados entre os anos de 2000-2018 nas revistas selecionadas de Ciência da Informação nesta pesquisa.

Quadro 3 – Publicações sobre música como fonte de informação em Ciência da Informação

Revistas	Artigos recuperados	Anos em que os artigos foram publicados
Atoz: novas práticas em informação e conhecimento	0	-
Brazilian Journal of Information and Science	0	-
Ciência da Informação	2	(1) 2014, (1) 2017
Comunicação e Informação	1	2016
Em Questão	2	1 (2004), 1 (2013)
Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2	(1) 2002, (1) 2012
InCid: revista de Ciência da Informação e Documentação	0	-
Informação e Sociedade	2	(1) 2016, 1 (2018)
Informação e Informação	1	2018
Intexto	0	-
Liinc em Revista	0	-
Perspectivas em Ciência da Informação	2	(1) 2014, (1) 2011
Perspectivas em Gestão do Conhecimento	0	-
Ponto de Acesso	0	-
RBBD. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2	2017
Revista ACB	7	1 (2006), 2 (2008), 3 (2016), 1 (2018)
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	1	2011

Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	4	1 (2010), 3 (2017)
Revista Ibero-americana de Ciência da Informação	1	2016
Transinformação	0	-

Fonte: O autor

Através da quantidade de publicações percebe-se que o tema discutido nesta pesquisa é abordado na área de Biblioteconomia, mas ainda carece de maior atenção. Nota-se que o número de artigos publicados sobre música como fonte de informação teve um aumento no ano de 2016 (dois mil e dezesseis). Deve-se dizer que resumos sobre música foram encontrados em algumas das revistas que fazem parte da seleção de material da pesquisa. Esses resumos estavam publicados separadamente dos artigos e a pesquisa trata de artigos publicados, não apenas de publicações de resumos.

4.2 RESULTADOS QUALITATIVOS

Algumas bibliotecas já passaram a desenvolver projetos nos quais a música pode ser encontrada. Esses espaços de mediação de conhecimento entendem a importância de procurar interagir com os frequentadores de suas bibliotecas de maneiras variadas. Nesses locais, os eventos são pensados para que as pessoas se sintam inspiradas a aprender, tendo como principal atração a música, já que as atividades culturais têm importância para o crescimento e conhecimento dos alunos, como dizem Mateus e Cavalcante (2017). Para as autoras, o bibliotecário deve fazer planejamento de outras atividades culturais além das que são produzidas em datas comemorativas e não se restringir apenas a esses dias, aplicando, em dias alternados, música nesses eventos que fizer para, de uma maneira criativa, incentivar nos usuários o desejo pela leitura.

A Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, Biblioteca do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí e a biblioteca do Colégio particular da cidade de Londrina, presentes nos documentos selecionados, já desempenham este tipo de trabalho.

As atividades realizadas nessas bibliotecas são o canto, oficina de instrumentos musicais e a exposição à música instrumental clássica ou popular. Mateus e Cavalcante (2017) continuam a alertar que, em Londrina, no colégio onde realizaram a pesquisa, de

acordo com a bibliotecária do local, percebe-se nos alunos, durante as aulas de música proporcionadas, aumento de encantamento por aquilo que está sendo mediado pela música, no caso, leitura, toda vez que se aplica na biblioteca esta ferramenta, que é usada como método pedagógico para que se assimile as informações dadas.

Ainda nesta biblioteca do Colégio particular da cidade de Londrina, por exemplo, CDs são usados porque “Entende-se que ao utilizar CDs de músicas, a bibliotecária dinamiza e complementa o incentivo para a leitura, uma vez que tal incentivo se dará de modo prazeroso, saindo da rotina onde o silêncio predomina.” (MATEUS; CAVALCANTE, 2017, p. 3)

Enfatizando a discussão existente nesse trabalho sobre os benefícios da música ao ambiente da biblioteca para transmitir conteúdo informacional, acredita-se que dizer que esse canal contribui para a absorção de informação (que posteriormente se transforma em conhecimento) não é meramente uma questão de achismo ou estética. Temos então o relato de autoras que mostram que esse meio traz, de fato, um diferencial na aprendizagem. Mateus e Cavalcante (2017, p. 4) conclamam que “A utilização da música na biblioteca escolar visando à leitura, não somente propicia maior proximidade com os alunos, como também facilita o processo de aprendizagem, e contribui também para o gosto pela mesma.” Pois ainda seguindo o argumento exposto *a posteriori*, o conhecimento se constrói junto das experiências do cotidiano e o bibliotecário com a inserção das músicas que fazem parte da vida diária, pode, assim, influir nessa construção. Porque “A música além de tudo que foi apresentado é uma fonte de documento, pois a partir dela podemos analisar aspectos vividos cultural e socialmente.” (MATEUS; CAVALCANTE, 2017, p. 4)

O trabalho com a música nestes espaços é bem recebido, é aceito com total empenho pelos usuários. Por isso mesmo é que se preocupar com a renovação e atualidade dos meios para informar é tão necessário. Acredita-se que a adaptação das bibliotecas aos contextos, que evoluem de tempos em tempos, é possível, sem a perda de sua principal característica, que é a de levar conhecimento e informação às pessoas.

Todas essas tarefas realizadas nessas bibliotecas cumprem o alvo do bibliotecário, que tem por função acolher, informar, formar e orientar seus usuários. Reitera-se este comprometimento do bibliotecário ao dizer que a biblioteca é um espaço onde a educação se faz presente e que se manifesta por meio dos acessos que são disponibilizados aos seus usuários. “Assim, ao proporcionar as aulas de músicas e atividades com a inserção da música, o estímulo para o aprendizado da criança torna-se maior, pois favorece a memorização,

participação, compartilhamento, conhecimento, entre outros benefícios já relatados.” (MATEUS; CAVALCANTE, 2017, p. 4)

Observa-se que as bibliotecas, independentemente do quão especializadas sejam, funcionam como uma escola. Porque é igualmente por elas que a educação pode acontecer por meio do que elaboram e conservam. A biblioteca de Londrina, onde seu contexto é uma escola, é um bom exemplo disso. E por meio dela podemos ver os resultados que as aplicações dessas dinâmicas produzem nos alunos. O maior deles, o interesse para aprender. Há quem talvez pense que tais ferramentas possam atrapalhar e mais distrair do que ajudar na concentração, no entanto, o retorno que os bibliotecários constatam é outro. O Instituto Federal do Piauí, por exemplo, notou “[...] uma mudança no comportamento dos usuários nos dias em que a música se fazia presente, as conversas paralelas diminuíram, eles pareciam mais relaxados e concentrados na leitura.” (DIAS; VIANA, 2017, p.3)

Na biblioteca pública de Concórdia o mesmo foi diagnosticado pelos bibliotecários que além de aplicarem a mediação de leitura, também usaram a música para fazer parte da ação. Fica evidente como a atenção dos que estão participando é captada. Bison (2018) argumenta que a aplicação da música na contação de histórias no Projeto “Momento do Conto em Cantos” tem se mostrado como um diferencial, principalmente no que se refere à atenção, concentração, introspecção, diversão, percepção, sensibilidade e interação dos alunos. De acordo com o que o autor relata, usar esses elementos sonoros e musicais incentiva, além da imaginação, o prazer de ler. O ponto principal é ampliar o gosto literário e musical do “próprio vocabulário, da narrativa e da valorização da cultura local, regional e nacional. As histórias cantadas apresentadas, assim como os poemas musicados nos transmitem sensações e percepções que abrangem nossas emoções.” (BISON, 2018, p. 515)

A biblioterapia⁴, que também faz uso da música, já está presente em algumas bibliotecas e em lar de idosos, essas ações não se limitam apenas ao público infantil, jovem, mas também aos adultos e idosos. Para Fonseca, K. e Azevedo (2016), é mister que se assinale que a leitura dos textos literários na companhia de música e dança é elemento de grande eficácia nas sessões de biblioterapia e oferece aos presentes a chance de desfrutar da terapia que emana de toda esta fusão, revelando, sobretudo, a utilidade da melodia, da musicoterapia. Para completar esta afirmativa, vale-se ressaltar, de acordo com o que já foi discutido, que “Em consonância com a literatura, observou-se após esta intervenção que a

4 Atividade cujo propósito é o restabelecimento ou provocação contínua do desenvolvimento da saúde através da leitura de livros (ficção, autoajuda, religiosos etc) independentemente da idade do indivíduo. Fonseca, K. e Azevedo (2016)

biblioterapia é uma alternativa relevante para a sociedade. No caso presente, ratificamos a importância das bibliotecas como instituições que promovem esta atividade.” (FONSECA, K.; AZEVEDO, 2016, p. 388)

É possível ver que existem bibliotecários colocando em prática essa rica maneira de informar, orquestrando momentos e condições com essa ferramenta para que se gere conhecimento. Procura-se dar notoriedade a esse fator que se mostra tão significativo para a formação do cidadão. Aproximá-lo não somente de sua cultura, história e demais saberes, situando-o para que entenda a realidade de onde vive e ampliando sua concepção de informação por meio desses materiais musicais, fará o usuário compreender que há muito a se explorar e considerar. Logo, aumentando seu repertório informacional, já que:

[...] música, enquanto informação [...] pode estar organizada de maneira sistematizada a partir de um conjunto de práticas relacionadas a organização da informação. [...] isso significa oferecer ao professor e ao aluno a prestação de informações relevantes ao desenvolvimento do aprendizado. (SALES; SARTORI, 2016, p. 97-98)

Seguem ainda mais relatos do que se pode fazer com a música em bibliotecas (os exemplos das bibliotecas escolares podem ser aplicados inteiramente ou adaptados às bibliotecas se apresentarem necessidade). Sales e Sartori (2016), que defendem o uso da música nas atividades que elaboram, reiteram que este recurso informacional, ainda mais na escola, apontando a responsabilidade dos bibliotecários que trabalham em bibliotecas escolares (enquanto julgam ser este mesmo princípio de suma valia para equipes multidisciplinares que possam existir dentro do ambiente escolar), privilegia o bom andamento do processo de ensino-aprendizagem. Os autores também chamam a atenção para as peculiaridades dos registros sonoros, algo que faz deles instrumento único diante da diversidade de registros do conhecimento. “Numa segunda situação, [...] a música é uma fonte de informação que pode atingir a um grande número de pessoas, incluindo o público iletrado, que também é capaz de criar, de se descobrir, de se emancipar.” (SALES; SARTORI, 2016, p. 91-92)

Disso, ainda para Sales e Sartori (2016), pode-se inferir que esse tipo de fonte de informação precisa de uma atenção maior por parte dos profissionais cujo pensamento e atuação estão na área da organização da informação, tratando-se diretamente de “representações descritiva e temática, no sentido de que essas atividades possam não só aprimorar o seu tratamento e arquivamento, mas que também facilitem seu acesso pelos que buscam informações.” (SALES; SARTORI, 2016, p. 91-92)

Quanto mais se disponibilizam ferramentas para que todo gosto possa se informar, o retorno educacional que se tem cresce expressivamente. Não é à toa que após a aplicação desses métodos reações, como as que Bison (2018) comenta, podem ser vistas. Como, por exemplo, quando o ambiente é cuidadosamente organizado e há preparação para que, na hora da contação, os ouvintes sejam capazes de se concentrar e interiorizar sentimentos e emoções de reflexão e nostalgia. Bison (2018, p. 521) relata que: “Durante a realização das atividades, percebeu-se que os alunos demonstraram emoção, interesse, entusiasmo e prazer em participar destes momentos e dos debates que concluíam as contações.” Para o autor:

Houve receptividade da história pelos participantes e segundo relatos orais durante e após o desenvolvimento da prática, os sentimentos relatados foram os mais variados: alegria, felicidade, entusiasmo, encantamento com a história, empatia e identificação pelo personagem, melancolia, tristeza, dor pelo abandono, perda (morte), emoção, comoção e até lágrimas. (BISON, 2018, p. 521)

Os dados mostram que a inserção de métodos que estimulam a interação, provocam e exigem mais do usuário faz que se consigam resultados significativos. Considerando que é preciso que haja uma resposta às atividades propostas, o cérebro é obrigado a trabalhar e a sair da zona de conforto que se encontrava e que talvez estivesse impedindo de alguma forma o progresso do indivíduo. Este, emocional ou acadêmico. As tentativas de melhorar essas duas áreas através da música é um meio. Meio pelo qual já se viu ter, em grande parte, garantia de bons resultados.

Depois da definição dos anos e das revistas para a análise da literatura de Biblioteconomia na Ciência da Informação, percebeu-se nesse espaço de tempo estabelecido pela pesquisa que o assunto do uso da música na biblioteca ainda não é largamente explorado e discutido. Tendo, como consequência, uma baixa frequência de publicações. Por esse e pelos outros motivos que foram apresentados no decorrer deste trabalho, espera-se que o tema se torne mais abordado nos objetivos das produções científicas de Ciência da Informação.

Avaliando os artigos publicados que discutem a ideia desta pesquisa entre os anos e revistas já mencionados, considerou-se que a partir de 2002 a música e sua utilidade, seja sendo retratada como fonte de informação, seja como instrumento de entretenimento, formação educacional na biblioteca passou a ser abordada de maneira mais constante.

5 CONCLUSÃO

Foi visto que a dinamicidade da música aplicada no espaço da biblioteca ajuda na formação do usuário. Mesmo que não se conte com muitos recursos, nota-se como mudanças básicas, simples, podem contribuir grandemente na formação intelectual dos que chegam à biblioteca para buscar algum tipo de informação. É importante que ações como essas sejam feitas a fim de que os usuários sintam-se à vontade ou atraídos entendendo que a biblioteca é um espaço possível para pesquisa (já que hoje o mais comum é buscar informações nas plataformas online, bases de dados etc) como também é um local de recreação agradável e convidativo. Sendo que, neste, não só se vê entretenimento como simultaneamente o conhecimento.

Em algumas bibliotecas, como no caso das especializadas, talvez não seja fundamentalmente necessário que esses tipos de modelos de atuação sejam usados para atrair de alguma forma seus usuários, uma vez que o perfil de usuário é mais específico e o objetivo é diferente do das públicas e comunitárias, mas quanto àquelas (e, aqui, independentemente de quais sejam) que querem fazer programações culturais e, ao contrário do que se pode pensar, perder sua identidade como unidade de informação, a fim de se aproximarem mais da população servindo-se desse instrumento para a educação complementar, seria interessante que considerassem essa perspectiva de transmitir informação. Porém, vale dizer que nada impede que as bibliotecas que não sejam mais voltadas ao uso popular o façam.

Destaca-se, novamente, a utilidade da música e o que ela pode proporcionar: maior interação, diminuir a falta de concentração, implicações positivas na aprendizagem e assimilação etc. Assim sendo, ter na biblioteca música como instrumento de educação e fonte de informação contribui, sob uma nova perspectiva, para resultados de crescimento intelectual.

A preocupação com tal medida se dá porque com a tecnologia em constante avanço pode-se pensar sobre o que serão dos espaços das bibliotecas se tudo puder ser encontrado na web. Tornar-se-iam as bibliotecas museus? Claro, tanto o museu quanto a biblioteca têm o fim de informar, mas cada um tem sua particularidade. A biblioteca tem um foco, tratar os documentos, organizar as informações em diferentes suportes e sem envolver-se tão especificamente com objetos, como é o caso do museu. Para tanto, acredita-se que fazer refletir na biblioteca os usos positivos que a sociedade faz da tecnologia, das artes e até da cultura gerando, desse modo, informação, pode causar afinidade; criando afinidade, as

bibliotecas tornam-se espaços não somente de informação, mas também de lazer. E se se transformam nisso, mais fácil é induzir os que as frequentarem à leitura, à informação.

A Biblioteconomia já tem considerado a produtividade da utilização da música na biblioteca. Espera-se que após a verificação do número de artigos publicados nas revistas que foram analisadas por esta pesquisa o assunto se torne ainda mais relevante. Trabalhos que tratam desse tema são importantes para que novas ações, decisões sejam tomadas a fim de tornar a educação do usuário completa.

Possa esta pesquisa contribuir para a disseminação do assunto e ser útil para o entendimento e realização de possíveis trabalhos e soluções quanto às questões aqui demandadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N; SILVA, N. **Editorial sobre artigos derivados de dissertações e teses**, Brasília, maio-ago. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v15n2/a01v15n2.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.
- ARAÚJO, V. M. R. H. Estudo dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-100, 1979. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/04/pdf_d02e4fe1aa_0009692.pdf. Acesso em: 19 jul. 2018.
- BARRETO, A. DE A. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.
- BISON, C; ZORZETTO, E. M.; FERREIRA, K. J. C. Momento do conto em contos: literatura e música na biblioteca pública de concórdia/SC. **Revista ACB**, Santa Catarina, v.23, n. 3, p. 510-531, ago., 2018. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1515/pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.
- BLACKING, J. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, v. 16, dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064/55695>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- BLOG Zanna o som em todas as pautas. **Sound Branding**. Disponível em: <http://zanna.net/sound-branding/>. Acesso em: 3 out. 2018.
- BRITO, C. F. O filme como fonte de informação aplicado ao ensino da Biblioteconomia. **REBECIN**, [S. l], v.4, n. esp., p. 6-18, 2. sem. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/lucas/Downloads/93-438-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.
- BUCKLAND, M. K. **Informação como coisa**. Tradução livre de Luciane Artêncio. [S.l], [s. n], p. 1-15. 2004. Disponível em: [http://www.cin.ufpe.br/~cjpgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](http://www.cin.ufpe.br/~cjpgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em: 18 out. 2018.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CARDOSO, A. M. P. Pós-Modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_44afe65e85_0011622.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

CAVALCANTI, H. C.; CARVALHO, M. A. A informação na música impressa: elementos para análise documental e representação de conteúdos. **RBDCl**, v. 9. n. 1, p. 131-151, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1937>. Acesso em: 15 mar. 2018

CUNHA, M. B. Para saber mais: **fontes de informação em ciência e tecnologia / Murilo Bastos da Cunha**. - Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 2001. 168 p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15121>. Acesso em: 18 jan. 2019.
DIAS, N. F; VIANA, F. C. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 27., 2017, Fortaleza. **Anais...** Ceará: CBBB, 2017. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1796/1797>. Acesso em: 9 ago. 2018.

FIGUEIREDO, N. M. O processo de transferência da Informação. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 119-138, 1979. Disponível em: file:///C:/Users/lucas/OneDrive/Documentos/trabalho_de_conclusao_de_curso/canal_de_informacao/o_processo_de_transferencia_da_informacao.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2019.

FONSECA, K; AZEVEDO, F. Biblioterapia: Relato de uma experiência no lar de idosos em Braga – Portugal. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 21, n. 2, p. 381-389, abr./jul., 2016. Disponível em: https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1166/pdf_1. Acesso em: 23 jan. 2019.

FREITAS, A. C. *et al.* A contribuição da música na construção do conhecimento na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, Minas Gerais, n. 1, v. 7, p. 1-13, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11038/8838>. Acesso em: 18 ago. 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: abr. 2019.

GOBBI, D. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino da língua inglesa**. Porto Alegre: UCS; UFRGS, 2001. 133 p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3066/000331440.pdf?sequence=1>. Acesso em: 8 out. 2018.

GUSATTI, C. E. Branding sound e logo sonoro: uma diferenciação de marcas através do som. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 17., 2016, Curitiba. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: PUCPR, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0200-1.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. 2 ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 1996. Disponível em: <https://www.ebah.com.br/content/ABAAAg3YAI/a-ciencia-informacao>. Acesso em: 8 nov. 2018.

LIMA, R. T. **PROJETOS DE MÚSICA EM BIBLIOTECAS PARQUE: estudo da relação entre biblioteca, música e cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. p. 32. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/247>. Acesso em: 15 mai. 2019.

LONDERO, A. C. B; NOAL, E. A. C. **Música na alfabetização de crianças do 1º ano do ensino fundamental da escola municipal fundamental Dona Leopoldina de Ijuí/RS**. [Rio Grande do Sul?], [s.n], 2011. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2562/Londero_Ana_Clara_Bandeira.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 6 set. 2018.

MATEUS, B. M. V.; CAVALCANTE, L. F. B. C. O uso da música na biblioteca escolar. XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 26., 2017. Fortaleza. **Anais Eletrônicos...** Ceará: Centro de Eventos da Cidade de Fortaleza. 2017. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1900/1901>. Acesso em: set. 2018.

MESSIAS, L. C. S. Informação: **um estudo exploratório do seu conceito em periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação**. Marília: UNESP, 2005. 184 f. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/messias_lcs_me_mar.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

PEDERIVA, P. L. M.; TRISTÃO, R. M. Música e Cognição. **Ciência e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 9, n. [s.n], p. 83-90. 30 nov. 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/601/383>. Acesso em: 30 out. 2018.

PINHEIRO, L. V. R. Informação: esse obscuro objeto da ciência da informação. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 1-11, 2004. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4108/3759>. Acesso em: 14 jul. 2018.

RÊGO, L. M. V.; AGUIAR, V. B. Música, cultura e informação: preservação do acervo musical alagoano. **Biblionline**, v. 2, n. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/50225>. Acesso em: 16 jan. 2019.

RODRIGUES, B. C.; CRIPPA, G. A recuperação da informação e o conceito de informação: o que é relevante em mediação cultural?. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 16, n. 1, p.45-64. mar. 2011. ISSN 1981-5344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/995/833>. Acesso em: 14 ago. 2018.

RODRIGUES, C.; BLATTMANN, U. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 19, n. 3, 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1515/1451>. Acesso em: 15 abr. 2019

SALES, F; SARTORI, A. S., Música como fonte de informação na escola: contribuições da biblioteca escolar. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p. 89-100, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1156/pdf>. Acesso em: 5 set. 2018.

SANTOS, A. E. K. A música e suas nuances. v. 10, n. 1, p. 1-11, 2017. In: Encontro Internacional de formação de professores, 11., 2017. Santa Catarina. **Anais Eletrônicos...** Santa Catarina: ENFOPE, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/download/5062/1815>. Acesso em: 9 out. 2018.

SILVA, D. *et al.* **O livro didático de história no ensino fundamental.** [s.l.]. 30 set. 2014. Disponível em:

http://editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_30_09_2014_17_06_43_idinscrito_710_f78f71b05af4d135856af4851cba6aa8.pdf. Acesso em: 15 mai. 2019.

SILVA, A. K. S. **A música como Fonte de Informação: Década de 80 contada pela banda Paralamas do Sucesso** [manuscrito] / por Ana Karla Souza da Silva. Fortaleza: UFC, 2010. 44 p. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26928/1/2010_tcc_aksilva.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

SILVA, J. L. C; GOMES, H. F. Conceitos de informação na ciência da informação: percepções analíticas, proposições e categorizações, **Revista Informação e Sociedade**, Paraíba, v.25, n.1, p. 145-157, jan./abr. 2015. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/viewFile/145/13200>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SILVA, P. C. V. **Relatório de estágio: a música como veículo promotor de ensino e aprendizagens.** Portugal: Universidade dos Açores. 2012. 95 p. Disponível em:

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1520/1/DisertMestradoPaulaCristinaViveirosSilva2012.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

SOUZA, T. C. C. Línguas indígenas: memória, arquivo e oralidade. **Policromias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 2016. Disponível em:

file:///C:/Users/lucas/OneDrive/Documentos/oralidade_memoria/linguas_indigenas_memoria_arquivo_e_oralidade.pdf. Acesso em: 13 fev. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987. 175 p. Disponível em:

http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

VARGAS, M. E. R. Influências da música no comportamento humano: explicações da neurociência e psicologia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: EST, 2012 . p. 944-956. Disponível em:

<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/141>. Acesso em: 14 ago. 2018.

VITAL, L. P. Fontes e canais de informação utilizados no desenvolvimento de sistemas em empresa de base tecnológica. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em:

http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_d91c7edde1_0000012125.pdf. Acesso em: 31 out. 2018.

WEIGSDING, J. A.; BARBOSA, C. P. A influência da música no comportamento humano. **Arquivos do MUDI**, [Paraná], v. 18, n. 2, p 47-62, 2014. Disponível em:

http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/25137/pdf_59. Acesso em: 24 ago. 2018.

ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. In: ROYAUMONT, C. de (Org.). **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 154–168.